

## A SIMBOLOGIA DO CÂNCER DE MAMA: UMA COMPREENSÃO ANALÍTICA

Marcela Mendes Nunes (IC) e Sandra Fernandes de Amorim (Orientadora)

**Apoio: PIBIC Mackpesquisa**

### RESUMO

Com o aumento dos casos de câncer de mama no Brasil, objetiva-se compreender, através de uma leitura simbólica, os processos psíquicos que ocorrem com as mulheres acometidas por essa doença, assim como analisar as tendências de comportamento que se evidenciam na maneira como elas lidam com a questão do corpo diante desse tipo de câncer que afeta diretamente a relação com a autoimagem. Foram realizadas nove entrevistas semi-estruturadas com mulheres que ou estavam em fase de tratamento ou já haviam terminado o processo e, posteriormente à entrevista, foi aplicado um questionário *likert* chamado “A Roda das Deusas” para que os dados obtidos fossem ampliados. Através dos resultados analisados à luz da psicologia analítica, foi possível constatar que muitas mulheres relacionavam o seu câncer a algum tipo de fator emocional. E no que referente à simbologia a partir leitura da análise comparada com a mitoanálise, obteve-se maior pontuação nas deusas Ártemis e Deméter, sendo estas relacionadas a características de doação e proteção do outro, deixando o cuidado consigo em segundo plano. Para futuras pesquisas na área, é importante lembrar que a mitoanálise foi a vertente arquetípica utilizada, mas esta não exclui, por exemplo, a compreensão da psicodinâmica ou questões de ordem psicossocial. Como aqui o entendimento da psique feminina foi utilizado dessa forma, o profissional que trabalhará com esse público tem um campo significativo de atuação, sendo esse conhecimento um auxílio a obter uma maior compreensão sobre a dinâmica psicológica que cada mulher apresenta.

**Palavras-chave:** Câncer de mama. Simbologia. Psicologia analítica

### ABSTRACT

With the increase of breast cancer cases in Brazil, this article aims to understand, through a symbolic reading, the psychic processes faced by women suffering from this disease, as well as to analyze behavioral trends reflected on how they deal with body issues arising from it and that affects directly their self-image. Nine semi-structured interviews were conducted with women who were either in the treatment phase or had finished the process and, after the interview, a *likert* questionnaire named "The Wheel of the Goddesses" was applied in order to broaden this knowledge. Through the results obtained in the light of analytical psychology, it was possible to apprehend that many women related their cancer to some kind of emotional factor. As for symbology by myth analyses reading, the Artemis and Demeter goddesses scores were higher because they had been related to donation

and protection characteristics, leaving selfcare in the background. For future research, it is important to remember that myth analysis was the archetypal aspect used herein, but that doesn't exclude the understanding of, e.g., psychodynamics or psychosocial. As here the understanding of the female psyche was used in this way, the professional who will work with this public has a relevant field of action, and such knowledge helps to obtain a greater understanding of the psychological dynamics that each woman presents.

**Keywords:** Breast Cancer. Symbology. Analytical psychology.

## 1. INTRODUÇÃO

Em decorrência de o câncer de mama, segundo o INCA (2017), ser o mais comum entre as mulheres, respondendo por cerca de 28% de novos casos a cada ano, evidencia-se a relevância do assunto, sendo, inclusive, um tema de significativa importância na saúde pública no Brasil. Acredita-se que a presente pesquisa poderá contribuir fornecendo, através da perspectiva da psicologia analítica e da mitoanálise, conhecimento e compreensão de processos psíquicos pelos quais as mulheres acometidas por este tipo de doença passaram, visando entender sua dinâmica emocional relativa a medos, fantasias, angústias e expectativas vivenciadas diante do diagnóstico e durante o processo de tratamento.

Teve-se por objetivo entender e analisar como certas tendências de comportamento repercutem na maneira como algumas mulheres lidaram com a questão do corpo diante da doença, como o aspecto emocional afetou seu tratamento, se durante todo o processo elas tinham acesso a um atendimento psicológico e como o mesmo as auxiliou. Objetiva-se também investigar a percepção que elas tiveram acerca do momento em que descobriram seu diagnóstico e se o relacionavam a algum fator estressante vivido naquele período. Os dados coletados foram analisados à luz de contribuições teóricas da psicologia analítica e da mitoanálise, sendo de especial interesse a análise simbólica do câncer de mama.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para esta pesquisa, foi utilizada a abordagem analítica e a mitoanálise para estudar a relação entre corpo-psyque. Jung (1977) refere que “os sintomas físicos e psíquicos não são nada mais que manifestações simbólicas de complexos patogênicos.” Com isso, a teoria dos complexos apresenta relevância para a compreensão do sistema de adoecer, afinal, é através dela que podemos ter uma coleção de ideias autônomas que, por estarem relativamente independentes do controle da consciência, podem e serão capazes de mudar a condição psíquica do indivíduo. Para Jung (1960) quanto maior for a intensidade e autonomia do complexo, mais proeminente será a sua sintomatologia, ou seja, o seu efeito poderá ser o de produzir uma doença.

Ramos (2006) relaciona o adoecimento à questão da formação dos símbolos, sendo este um caminho para enxergar as resultantes das experiências corporais com a integração do processo de individuação e relação ego-Self. Para a autora, o desenvolvimento do processo simbólico é firmado através da relação suficientemente boa com a mãe. Se acontecimentos considerados traumáticos ocorrerem e esse processo ficar interrompido, a criança pode ter sua função simbólica e memória emocional fixadas no corpo ao invés de transformá-las em fantasias e imagens, reaparecendo em situações que espelham o conflito semelhante àquele que originou a cisão. Quando as polaridades do arquétipo são cindidas,

não há espaço para simbolizar verbalmente a dor emocional e ela é vivida corporalmente. Portanto, certas doenças orgânicas têm uma finalidade com um significado específico e, entender a simbologia das mesmas é um aspecto relevante a ser considerado.

É proposta deste estudo empreender uma abordagem que privilegie um enfoque simbólico do processo de adoecimento, sendo este visto não apenas como algo de natureza orgânica, estritamente, mas sim, um fenômeno que tem raízes muito mais profundas. A compreensão da doença como um caminho e como um processo pode favorecer um olhar para o que pessoa precisa integrar emocionalmente através da análise de conteúdos intrapsíquicos.

### **3. METODOLOGIA**

Este estudo trata-se de uma pesquisa na abordagem qualitativa. Segundo Penna (2007), esse tipo de método fornece a possibilidade de se constituir de várias etapas não previamente estabelecidas. Para Minayo (2012), a vantagem de se trabalhar utilizando a abordagem qualitativa consiste na possibilidade de aprofundar-se no mundo dos significados e relações humanas, respondendo a muitas questões particulares do sujeito e que não podem ser medidas em estatísticas.

Além da entrevista com um roteiro especialmente elaborado para este estudo, foi também utilizado o questionário “A Roda das Deusas” de Woolger e Woolger (1993). Esse questionário corresponde a uma escala do tipo *likert*, que possibilita medir as atitudes e conhecer o grau de conformidade do entrevistado perante a afirmação proposta. Constatou-se a necessidade de trabalhar com a questão do mito como recurso de compreensão da psique humana porque eles são fontes simbólicas enraizados no inconsciente coletivo que se manifestam na consciência através de imagens arquetípicas (Jung, 1977). Para Boechat (2008), amplificar a imagem onírica desses mitos torna a interpretação acessível, promovendo uma visão mais aprofundada. O mito fornece a possibilidade de amplificação da situação vivida pelo paciente, proporcionando melhor compreensão sobre o seu processo.

A amostra foi composta por conveniência. Sete participantes da pesquisa eram voluntárias participantes de uma ONG localizada na cidade de Santos, no estado de São Paulo, local em que as entrevistas também ocorreram. Duas mulheres não eram participantes dessa ONG.

Para analisar e integrar todas as informações foram contempladas as análises de conteúdo propostas por Penna (2007), a saber: 1) levantamento bibliográfico, 2) enquadre teórico, 3) levantamento e análise da produção científica acadêmica e 4) proposta de método de pesquisa em psicologia analítica. Para as análises, a construção da interpretação

foi contemplada através de cinco etapas: 1) preparação das informações, 2) transformação dos conteúdos em unidades, 3) classificação das unidades em categorias, 4) descrição e 5) interpretação.

#### 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

**Entrevista um:** M.C, 55 anos, casada, tem um filho, é aposentada e trabalha como maquiadora. Teve o diagnóstico do câncer de mama em novembro de 2013 aos 50 anos e antes de confirmá-lo, sentia muitas dores na axila.

**Análise qualitativa:** M.C atribui grande carga emocional ao que desencadeou o seu diagnóstico de câncer de mama. Na teoria dos complexos de Jung, eles podem ser criados ou suplementados por um “conflito moral que deriva em última instância, da impossibilidade aparente de afirmar a totalidade da natureza humana.” (Stein, 2006). Para Jung (1960), quanto mais autônoma e intensa é a constelação de um complexo, maior é o seu efeito de produzir uma doença fisiológica. M.C, ao atribuir a carga afetiva da briga familiar à descoberta de seu diagnóstico, assume ter a compreensão de que o fator emocional foi um dos principais agravantes em relação ao seu estado de saúde ter piorado, ou seja, a constelação de um complexo produziu uma doença fisiológica acarretando uma transformação na estrutura do corpo.

De acordo com o resultado do questionário da “Roda das deusas”, M.C obteve as seguintes pontuações: Afrodite com 30 pontos, Perséfone com 28, Hera com 27, Deméter 23, Ártemis 20 e Atena 18. A deusa com maior destaque foi Afrodite e, segundo Woolger e Woolger (1993), ela está ligada ao amor, aos relacionamentos humanos, sexualidade, romances, beleza e inspiração das artes. Para M.C, as relações sociais assumem grande importância e, possivelmente por esse motivo, ela atribuiu grande valor à decepção familiar como um fator desencadeante de seu câncer. No mais, Afrodite também é uma deusa voltada para a percepção sensorial das coisas que a cercam. O tipo psicológico sensorial é aquele que experimenta o mundo através dos sentidos e das sensações, ou seja, a função dos sentidos seria a soma total de todas as percepções de fatos externos, vindas através dos sentidos. Dentro dessa concepção, a sensação diz ao sujeito que alguma coisa é, e não exprime o que é (Jung, 1935). Essa percepção sensorial do mundo vai de encontro com as queixas que M.C mais citou durante o tratamento, sendo estas, por exemplo, dores na sola dos pés, na ponta dos dedos, mudança de paladar, evidenciando como experimenta o mundo através dos sentidos. Outra característica de Afrodite evidente nas percepções de M.C são suas questões ligadas à beleza, e isso fica claro quando ela diz que não tirava o salto para ir para a quimioterapia, mostrando sua necessidade de se sentir sempre bonita e elegante.

A segunda deusa de maior destaque para M.C é Perséfone. Segundo Woolger e Woolger (1993), ela é a deusa do inconsciente, mediúnica e atraída pelo mundo espiritual, pelo oculto e pelas questões ligadas à morte. A forma como a entrevistada encarou todo o processo de cura do câncer estava relacionada à sua força de compreensão simbólica, com grande ênfase e valor para o que acontecia dentro do seu mundo inconsciente e da fantasia. A mulher de tipo Perséfone tem grandes dificuldades em estruturar o seu ego e frequentemente se sente insegura de si. No acompanhamento psicológico, M.C conseguiu dar vazão às suas inseguranças e ao seu vasto mundo inconsciente, possibilitando que ela estruturasse seu ego. Isso pode ser percebido quando ela comenta que antes do câncer tudo a preocupava, mas que com o auxílio da terapia, ela conseguiu superar a insegurança em relação ao mundo e em relação a si mesma.

**Entrevista dois:** I.Z, 48 anos, casada, dois filhos; aposentada, trabalhou anteriormente no setor administrativo de um escritório. Teve seu diagnóstico em fevereiro de 2017.

**Análise qualitativa:** Segundo o questionário, I.Z obteve a seguinte pontuação: Deméter com 21 pontos, Atena e Afrodite com 16, Ártemis e Hera com 15 e Perséfone 4. A deusa de maior pontuação foi Deméter e, para Bolen (1990), Deméter simboliza o arquétipo da maternidade e o instinto maternal desempenhado tanto na gravidez quanto por meio de nutrição física, psicológica ou espiritual dos outros. Outra característica muito presente nas mulheres-Deméter é que elas parecem pensar pouco em si mesmas e acabam vivendo para cuidar do outro. Aparentam ter um temperamento doce, meigo e zeloso com as pessoas as quais consideram seus filhos, por se identificarem como a “Grande Mãe” de todos. I.Z recorrentemente citou que o que mais a preocupou era acalmar sua família para que eles não ficassem abalados. Essa sua atitude, em um primeiro momento, pode parecer uma negação do seu processo de adoecimento. Segundo Simonetti (2004), para muitas pessoas, a única possibilidade imediata diante da doença é a negação. No entanto, ao entender o funcionamento da psique de I.Z, é possível compreender que, pelo fato de ela apresentar muitas características da mulher- Deméter, sua reação ao lidar com o câncer de mama foi de muito mais no sentido de querer tranquilizar seus familiares e continuar mostrando que é capaz de nutrir e se doar. Para Bilotta (2012), as mulheres-Deméter são atentas a suas necessidades corporais, contudo, estas ficam em segundo plano, pois sua maior preocupação é exercer sua capacidade de doação e atitude de nutrir constantemente as pessoas ao seu redor.

As segundas deusas de maior pontuação foram Atena e Afrodite, empatadas com 16 pontos. Segundo Woolger e Woolger (1993), Atena é a deusa da sabedoria e da civilização como também rege todos os ofícios práticos, a educação, as artes literárias e é uma deusa

extrovertida. Estabelecendo uma interlocução entre I.Z e a mulher-Atena, a forma como ela encara as situações se dá de uma maneira muito prática, assim como é a atitude dessa deusa. Além disso, I.Z diz que ter enfrentado todo o processo de adoecimento e a cura de seu câncer de mama confirmou o seu imediatismo, sendo essa também uma característica bem presente em mulheres-Atena. Segundo Bulfinch (2004), é difícil para mulheres com essa tipologia deixar de exercer sua autossuficiência para cuidar do seu corpo adoecido. Para Bilotta (2012), o maior obstáculo para ela não pode ser o câncer em si, mas sim perceber que sua couraça será retirada. Já com relação à deusa Afrodite, por ela ser, segundo Woolger e Woolger (1993), regente do amor e da beleza, exerce influência na forma como I.Z se via de forma corporalmente com sua doença e na sua criatividade ao lidar com a queda do cabelo, atribuindo-lhe apelidos.

**Entrevista três:** M.D, 67 anos, casada, não tem filhos, atualmente aposentada, fez faculdade de direito e trabalhou em banco. Teve seu diagnóstico em 2009, aos 58 anos.

**Análise qualitativa:** No início da entrevista, M.D apresentou resistência a responder o questionário e a conversar comigo, pois ela acreditava que eu iria perguntar apenas sobre sua vida íntima. Expliquei mais detalhadamente sobre o uso dos instrumentos e falei que se ela não quisesse participar, ela poderia me falar, assim como ressaltai que não havia certo ou errado para as questões. Após a recusa inicial, ela optou por participar da pesquisa e obtive as seguintes pontuações: Hera e Atena com 22 pontos, Deméter com 21, Ártemis 19, Afrodite e Perséfone 14.

A deusa grega Hera representa o arquétipo do “vínculo por meio do casamento” e o desejo da mulher de ter um companheiro (Bolen, 1990; Woolger e Woolger, 1993). Hera e Deméter apresentam a semelhança no sentido do “cuidar”, porém, em direções diferentes, sendo Deméter o cuidado maternal e Hera o cuidado voltado para o seu parceiro. Isso pode ser observado em M.D, visto que ela carece de afetividade genuína para cuidar de crianças e valoriza o seu casamento. Demonstra ser uma pessoa prática, objetiva e direta na maior parte do tempo, em consonância com o que Woolger e Woolger (1993) afirmam sobre a postura social de Hera. Essa deusa é extremamente consciente de sua posição na sociedade e defende todos os valores mais conservadores da sua casta social, assumindo papel de juíza. M.D apresenta essa postura em algumas situações como, por exemplo, dar palpites sobre as normas do instituto e criticar as mulheres que não participam ativamente das tarefas de organização do local. Tal comportamento também pode ser observado na forma como ela lidou com o seu adoecer, querendo ordenar como seria todo o percurso do seu tratamento. Mulheres-Hera demonstram ter energia para fazer as coisas, com ideias resolutamente fixas. Um exemplo disso em M.D foi o fato dela pedir demissão do emprego num ato impulsivo, insistir no atendimento médico para que ocorresse o mais breve possível

e não ter paciência com relação a pessoas que apresentam atitudes diferentes das dela. Mulheres-Hera tem relação direta com o poder e, na maior parte das vezes, procedimentos como quimioterapia e radioterapia confrontam diretamente o seu alto grau de exigência e desempenho, soando como impedimentos para que ela exerça suas ocupações (Bilotta, 2012). Para Bulfinch (2004), Hera não coloca como uma prioridade os cuidados com a sua saúde e consigo mesma. Como o casamento e o seu cônjuge são as suas prioridades, ela acaba se voltando para questões ligadas ao lar e a casa, não encontrando tempo adequado e disponível para cuidar de si. Isso vai de encontro ao que M.D comentou que, após obter a cura do seu câncer, deixou de frequentar o mastologista, indo apenas ao ginecologista por achar que era suficiente.

Já com relação à Atena, ela também é uma deusa mais prática, objetiva e extrovertida, assim como Hera. Atena também deixa o cuidado com o corpo em segundo plano por priorizar a atenção à mente. Reconhecer que não pode negligenciar o seu corpo em nome do seu *status* social e da intelectualidade é um árduo trabalho para mulheres com essa tipologia. M.D relacionou seu câncer de mama ao seu pedido de demissão no trabalho e até comenta que chorou mais nesse momento do que quando sua mãe faleceu. Para Bachofen (1967), a predominância de algumas deusas em detrimento de outras na nossa personalidade varia de acordo com o contexto social, histórico e cultural ao qual a mulher está inserida. Logo no início da entrevista, M.D se disse muito incomodada com a parte do questionário que abordava o tema “sexualidade”. Isso parece ser condizente com o resultado obtido no questionário de M.D, onde Hera e Atena tiveram pontuação mais significativa. Hera, muito ligada ao matrimônio, pensa na sua sexualidade sempre relacionada ao seu parceiro. Já Atena, por fazer parte da díade da independência, junto com sua irmã Ártemis, segundo Woolger e Woolger (1993), tem um temperamento mais propenso a não ter um companheiro ou amante e, caso venha a ter um, precisa de um relacionamento muito independente.

**Entrevista quatro:** R., 57 anos, casada, tem dois filhos, atualmente aposentada, mas trabalhava desde pequena. Teve seu diagnóstico em fevereiro de 2017.

**Análise qualitativa:** De acordo com a entrevista realizada com R., é possível a compreensão de que o câncer de mama foi vivido de forma muito intensa e como uma redescoberta de si mesma. R. obteve as seguintes pontuações no questionário: Ártemis e Hera com 21 pontos, Atena com 19, Deméter com 14, Afrodite com 12 e Perséfone 7. As deusas de maior pontuação foram Ártemis e Hera. Para Woolger e Woolger (1993), Ártemis é uma deusa introvertida, muito ligada à natureza, gosta de estar ao ar livre e de praticar exercícios. Segundo Bolen (1990), as mulheres-Ártemis dificilmente se sentem à vontade para conversar ou expor o que sentem e descontam tudo no seu corpo já que, para elas,

este é sua maior fonte de expressão. R. faz esse tipo de compensação quando diz que sofria muito calada e, durante muitos anos, guardou muitos sentimentos dentro de si, acreditando que esse acúmulo de mágoas culminou num câncer de mama. Enquanto isso, ao lado de Ártemis tem-se Hera que, representando a deusa do poder, voltada para as normas sociais e o casamento, acaba deixando em segundo plano os cuidados consigo mesma, se ocupando muito mais em cuidar do *status* de sua família (Bulfinch, 2004).

R. atribuiu grande valor ao seu processo terapêutico, comentando que antes de fazê-lo, chorava muito e se sentia com uma péssima autoestima. Por ter alta pontuação em Ártemis e Afrodite relativamente mais baixa, podemos encontrar o que Woolger e Woolger (1993) chamam de “chaga das deusas”. Além do câncer de mama ser uma doença que afeta diretamente aspectos do feminino, R. ainda tem Afrodite, deusa da beleza, com pontuação mais reduzida. Segundo os autores, as mulheres-Afrodite, extrovertidas, belas e sensuais, parecem receber todo o tipo de atenção enquanto a jovem Ártemis aprende desde cedo a viver sem isso, intensificando o seu sentimento de exclusão. Durante a terapia, R. pôde entrar em contato com seu sentimento de menos valia, conseguindo criar recursos de autoconfiança.

**Entrevista cinco:** M.A, 26 anos, formada em direito, não é casada e não tem filhos. Teve o seu diagnóstico em agosto de 2018 após ter realizado exames ao sentir um nódulo no seio.

**Análise qualitativa:** M.A obteve os seguintes resultados no questionário: Ártemis com 22 pontos, Afrodite com 19, Deméter 18, Atena, Hera e Perséfone 16. Ártemis, por vezes, “agride” o seu corpo realizando as atividades que mais gosta de fazer, como por exemplo, o manuseio do seu arco e flecha. Inclusive, ela teve que tirar um dos seus seios para poder lutar melhor, mostrando esse ferimento do feminino. Associando tais características dessa deusa a M.A, podemos dizer que ela se descuida do seu corpo por meio do emprego de bebidas alcoólicas e falta de exercício físico, atrelando tais comportamentos ao aparecimento do seu câncer de mama e à retirada dos seus dois seios.

Já com relação à Afrodite, sendo essa a sua segunda deusa de maior pontuação, por estar muito ligada à beleza, relacionamentos e a vaidade, traduz a forma como M.A encara os aspectos corpóreos das primeiras mudanças físicas, relatando com tristeza a queda do seu cabelo e se dizendo preocupada com a retirada dos seus dois seios. Além disso, ela está tomando remédios fortes que inibem seus hormônios femininos, dizendo se sentir “estranha” (sic) ao não menstruar mais, não se sentindo “mais uma mulher” (sic). Devido à proximidade com características próprias de Afrodite, M.A pode se tornar insegura quanto a sua aparência, deixando de se sentir bonita e atraente, sendo que isso tem muita

importância para ela. O desafio durante esse período é resignificar os seus sentimentos em relação ao seu corpo e ao olhar do outro.

**Entrevista seis:** R.L, 57 anos, casada, tem dois filhos e trabalha como artesã. Teve o diagnóstico de dois cânceres (mama e ovário) no final de 2009 e no início de 2010 já começou o tratamento.

**Análise qualitativa:** R.L obteve o seguinte resultado no questionário: Deméter com 25 pontos, Ártemis com 24, Atena com 23, Afrodite com 19, Perséfone e Hera com 18. Deméter, a deusa mãe, é a principal atuante em R.L. Ao longo da entrevista, ela comenta que sempre cuidou de todos os seu redor, deixando em segundo plano os cuidados para consigo e destaca que, desde pequena, já exercia tarefas dentro de casa. Para os autores Woolger e Woolger (1993), quando a mãe de uma menina-Deméter não proporciona algum modelo para a jovem, esta irá se tornar a própria mãe e acabará “carregando” a mãe emocionalmente. Isso pode ter constelado um possível complexo materno em R.L, que cresceu com muitas demandas físicas e emocionais de cuidado que, posteriormente, talvez tivessem deflagrado cânceres relacionados ao ferimento desse feminino.

A segunda deusa de maior pontuação foi Ártemis; logo em seguida da terceira com apenas um ponto de diferença, Atena. Na mitologia grega, Ártemis e Atena são irmãs e filhas do mesmo pai, Zeus. Ambas são deusas virgens. Para a psicologia, isso representa que elas integram o lado masculino da psique em si mesmas, ou seja, o seu *animus*. Ambas fazem parte da díade da independência por terem um temperamento mais propenso a viver e trabalhar em solidão. Mesmo quando elas se casam, necessitam de um estilo de relacionamento muito independente (Woolger e Woolger, 1993). Sendo assim, R.L descreve que uma das maiores dificuldades enfrentadas durante a doença foi a perda da sua liberdade e a dependência dos filhos e marido, aspectos condizentes com a atitude das duas deusas em questão. No mais, R.L relata que antes da doença, não tinha o hábito de se cuidar esteticamente, de comparecer às consultas médicas todos os anos estando muito voltada para os cuidados da família. Tais características também estão entrelaçadas com os comportamentos de Ártemis e Atena que não colocam sua aparência como uma prioridade. O câncer, segundo R.L, fez com que ela resignificasse esse comportamento, atentando-a a exercer um olhar mais voltado a cuidar mais de si, tanto estética como fisicamente, evidenciando uma intensificação de aspectos associados à Afrodite.

R.L foi a primeira a citar a presença de Deus, da fé e da religião como fonte de cura. Jung (2015) diz que a religiosidade, na presença de uma religião, contribui para que aconteça a “religação ao si mesmo” (Self). Esse tipo de vivência pode se associar com a Imago Dei, ou seja, a imagem de Deus em nós, que vai estimular e estabelecer a relação do

Ego com o Self, base do processo de individuação. Para Pargament (1996), a crença no sagrado no enfrentamento de uma doença atribui características de ordens diversas, sendo elas: fim em si mesmo, ligação com os antepassados, mistério, esperança, finitude, propósito divino e redenção. Para Paiva (2007), pessoas que enfrentam a doença no seu caráter “religioso” tem a natureza de um enfrentamento “sagrado” que mobiliza cognições, motivações e pulsões que dispõem uma nova configuração da existência, inclusive quanto a sua eficácia singular.

**Entrevista sete:** M.E, 74 anos, recebeu o diagnóstico aos 60 anos e disse que nunca faltou a consultas médicas; em momento algum deixou de fazer seus exames de rotina assim como diz nunca ter tido histórico familiar de câncer.

**Análise qualitativa:** Foram obtidos os seguintes resultados no questionário: Hera e Perséfone com 25 pontos, Deméter com 22, Ártemis com 19, Atena 11 e Afrodite 1. O que há de interessante ressaltar também é que em todas as questões que remetiam a Afrodite, M.E deixou de marcar respostas. Observando esse padrão, perguntei o porquê de ela não ter respondido aquelas questões e ela disse que todas que havia deixado de assinalar era para ser pontuação -1. Com isso, a pontuação de Afrodite em M.E ficou baixa tendo apenas um ponto.

No que diz respeito às deusas mais atuantes em M.E, temos um empate entre Hera e Perséfone, essas representadas pela díade do poder. Para Woolger e Woolger (1993), essas duas deusas são um par de opostos e a diferença mais extrema é o modo como às duas se relacionam com o mundo interior e o exterior. Hera, por ser extrovertida, se ocupa apenas do mundo externo, quase como rejeitando o interno enquanto Perséfone faz o caminho inverso. Porém, como rainhas dos céus e do mundo avernal, ambas almejam controlar os seus respectivos mundos.

Sendo assim, tais características descritas podem ser vistas, por exemplo, quando ela fala a respeito do seu casamento e o quanto isso foi o centro da sua vida durante anos. Mesmo com as divergências, traições, brigas e desentendimentos corriqueiros, M.E mantinha a postura de tolerância ao mesmo tempo em que impunha o seu poder e sua força perante o marido. No Olimpo, Hera exercia o mesmo tipo de comportamento com Zeus. Enquanto ele dedicava-se às suas “aventuras”, era ela quem comandava e ordenava os assuntos daquela esfera e, embora soubesse de tudo o que ele fazia, queria manter o seu *status* social. Para Woolger e Woolger (1993), na superfície, Hera parece ter um bom casamento, mas carrega todo o peso de uma tradição familiar por trás. No mais, segundo Bolen (1990), a deusa Hera tem grande aptidão para compromisso. O arquétipo de Hera proporciona a capacidade de se estabelecer um elo, de ser leal e fiel, de suportar e passar

pelas dificuldades com o companheiro. Quando se casa, permanece “para melhor ou para pior”, exatamente como M.E fez durante todos os anos de seu casamento. As dificuldades psicológicas resultantes ficaram centralizadas na repressão de tantos sentimentos e rancores devido ao seu casamento, que se transformaram em nódulos malignos de câncer de mama. Isso representa o arquétipo negativo de Hera que, por se tornar uma força obsessiva, faz com que a mulher não reconheça os limites desse seu potencial.

Para Bolen (1990), o arquétipo de Perséfone representa padrões de sentimentos ligados a sentimentos instintivos. Ela predispõe a mulher a não agir, e sim, ser conduzida pelos outros, a ser complacente na ação e passiva na atitude. Woolger e Woolger (1993) dizem também que essa deusa apresenta ter um ego frágil por ser uma mulher com muita vulnerabilidade espiritual. Como Perséfone é também uma força potencial em M.E, podemos enxergar um pouco disso em suas atitudes. Apesar de muito poderosa, essa deusa depende emocionalmente do outro, como M.E dependia emocionalmente de seu marido.

**Entrevista oito:** S.L, 57 anos, aposentada. Seu tratamento durou aproximadamente dez meses, começando em janeiro de 2005 e terminando em outubro do mesmo ano.

**Análise qualitativa:** Durante a entrevista, S.L demonstrou ser uma mulher que valoriza o trabalho, a independência, suas conquistas e os seus estudos, ao mesmo tempo em que também atribui uma carga muito grande em relação aos cuidados que destina a pessoas próximas. Além disso, apresenta ter uma boa estrutura egóica. Obteve os seguintes resultados no questionário: Afrodite com 24 pontos, Atena com 21, Ártemis 17, Deméter 14 e Hera e Perséfone com 13. Segundo Bolen (1990), Afrodite, como uma deusa alquímica, compartilha de algumas semelhanças com as outras duas categorias das deusas virgens (Atena e Ártemis) e das deusas vulneráveis (Hera, Deméter e Perséfone). Ou seja, ao mesmo tempo em que as relações são de extrema importância, não tomam o papel fundamental para onde a sua energia está direcionada. É por causa disso que ela consegue se identificar com os dois grupos de deusas. As outras duas deusas mais predominantes, depois de Afrodite, são Atena e Ártemis e ambas fazendo parte da díade do poder (Woolger e Woolger, 1993) e do grupo das deusas virgens (Bolen, 1990). A atuação dessas deusas em uma mulher, segundo Harding (1935), significa que ela é *uma em-si-mesma*. Para Bolen (1990), essa mulher é motivada pela necessidade de seguir valores, de ser independente daquilo que as pessoas pensam e para ela é importante satisfazer-se.

S.L comenta que um episódio difícil a ser enfrentado, além dos enjoos e a perda do cabelo durante as sessões de quimioterapia, foi o olhar de julgamento do outro. Ter Afrodite como deusa predominante – e devido ao fato desta deusa se preocupar com a sua beleza e com o outro – fez com que S.L se sentisse incomodada ao ver pessoas olhando-a e

julgando-a por sua aparência que, devido à doença, havia se modificado. Já com relação às deusas Atena e Ártemis que vêm segundo e terceiro lugar, traduzem a necessidade de independência de S.L e como foi difícil para ela depender dos outros para poder fazer suas atividades cotidianas. Além disso, ela descreve que parar de trabalhar foi um episódio conturbado a ser aceito, visto que sempre foi muito ativa e agora teria que parar toda essa produção mental para cuidar de um corpo doente. Para Woolger e Woolger (1993), mulheres-Atena têm dificuldade de aceitar o seu câncer de mama justamente por isso; elas valorizam tanto a sua produtividade, o seu trabalho e a sua intelectualidade que se sentem até mesmo depressivas quando têm que parar e cuidar do corpo.

**Entrevista nove:** H.L, 69 anos, casada e tem duas filhas. Trabalhava como assistente social, mas atualmente está aposentada. Teve seu diagnóstico aos 44 anos, em 2004.

**Análise qualitativa:** H.L obteve o seguinte resultado no questionário: Deméter com 27 pontos, Ártemis com 25, Afrodite com 24, Hera 21, Atena e Perséfone 12. Deméter foi a deusa de maior influência em H.L pela maior pontuação. Como foi descrito por Bolen (1990), ela é o arquétipo materno, representa o instinto maternal através de nutrição física, psicológica ou espiritual de outros. Estabelecendo um paralelo entre o arquétipo de Deméter e a atitude de H.L, conseguimos entender o porquê para ela é tão importante confortar e cuidar desse outro, até mesmo quando é ela quem precisa desse cuidado. Para Woolger e Woolger (1993), as mulheres-Deméter gostam de fornecer um ambiente acolhedor, leve e tranquilo e é exatamente isso que H.L faz. Ela tranquiliza as pessoas ao seu redor para que elas se sintam à vontade convivendo com a fragilidade do seu próprio câncer de mama.

A segunda deusa de energia mais atuante em H.L é a jovem Ártemis. Segundo o arquétipo de Ártemis descrito por Bolen (1990), representa a personificação do espírito independente da mulher. É em Ártemis que a mulher pode ser capaz de procurar seus próprios objetivos em um ambiente de sua escolha. Para a autora, a mulher identificada com Ártemis tem senso de associação com outras mulheres, justamente por ter sido cercada de suas ninfas. Essas características da energia psíquica de Ártemis se apresentam em H.L na forma como ela conquistou a sua independência e na forma como ela se relaciona com as amigas. Em Ártemis, é possível compreender que H.L, ao mesmo tempo em que apresenta todo o lado de preocupação com o outro e certa “dependência” dele (visto que Deméter, sua deusa atuante, é uma deusa vulnerável), tem sua energia psíquica voltada também para o seu lado independente. Além disso, podemos dizer que, possivelmente, o lado Ártemis de H.L foi despertado durante o seu processo de terapia, em que ela conseguiu sair da posição de se dedicar demais ao outro (Deméter) e conseguiu voltar mais a atenção para si, suas vontades e interesses. Ela comenta, inclusive, o quanto sua família sentiu essa mudança.

Considerados os objetivos da pesquisa, teve-se como proposta entender e analisar como as tendências de comportamento se repercutem na maneira como algumas mulheres lidam com a questão do corpo diante do câncer de mama. De nove, sete relataram que a queda do cabelo foi uma das maiores dificuldades enfrentadas, até mais do que a retirada dos seios. Além disso, outro ponto que apareceu foram os enjoos que ocorriam pós-sessões de quimioterapia, assim como a alteração no paladar. Sete mulheres diziam se sentir feias, não se reconheciam ao olharem no espelho, se achavam “monstrinhos” (sic), impotentes e com a autoestima baixa. Diante do câncer de mama e em decorrência dos tratamentos invasivos, seis delas relataram se sentir “menos femininas” (sic) pelo fato da doença se manifestar justamente em um órgão tão íntimo da mulher e as consequências repercutirem diretamente em sua autoimagem.

Um ponto interessante de ser analisado é que o traço cultural, assim como o meio e a faixa etária influenciam no resultado do teste de tipologia feminina. Segundo Woolger e Woolger (1993), a deusa Hera tem maiores probabilidades de se fazer presente mais fortemente na segunda metade da vida, quando as mulheres estão mais velhas e o pleno impacto de sua autoridade e dignidade naturais pode ser sentido. Já Atena, na busca por independência e sua posição no mercado de trabalho, pode ser sentida mais fortemente no início da vida adulta. Deméter pode aflorar mais quando a mulher estiver se preparando para ser mãe, enquanto Ártemis pode se manifestar mais fortemente na adolescência e Perséfone ser a eterna filha. Porém, isso não é uma regra, visto que a energia de todas elas circundam as mulheres em diversos momentos de suas vidas e de acordo com a situação que vivem.

Percebeu-se que, como mais atuante Deméter obteve destaque, aparecendo em primeiro lugar em três mulheres e em outras três delas ela ficou em uma das primeiras posições. A segunda que mais se ressaltou foi Ártemis, sendo a principal em duas mulheres e uma das três mais influentes em seis delas. Logo em seguida aparece Afrodite, sendo a principal em duas mulheres e uma das principais em outras quatro. Através disso, foi possível perceber que todas as seis mulheres que tinham Afrodite com uma pontuação alta em uma das três primeiras deusas mais atuantes, foram as que mais sofreram em relação ao seu corpo durante o processo do tratamento. Essa deusa, por estar diretamente ligada à beleza e à vaidade, é a que mais sofre ao ver que seu corpo, o símbolo de sua feminilidade, adoecido e se transformando.

Outro objetivo proposto foi analisar como a questão emocional afetou o processo e continuidade do tratamento do câncer de mama. Nesse quesito, podemos elencar algumas percepções englobando tanto a emocional, como a corporal e a variação dos tipos de tratamentos, além da estrutura de rede de apoio de cada uma. As três mulheres que tinham

Deméter como uma das três primeiras deusas mais atuantes, e principalmente as outras três mulheres que a tem como a tipologia principal, apresentavam mais dificuldade em deixar que sua rede de apoio prestasse cuidados, visto que elas queriam continuar dedicando esse cuidado ao outro para que este não sofresse ao vê-la vulnerável. Já com relação às quatro mulheres mais identificadas com a deusa Atena, sua dificuldade era em aceitar que teriam que deixar de dar tanta atenção a sua mente e ao intelecto para poder cuidar do corpo adoecido. Já as seis mulheres que tem Ártemis como umas das três primeiras deusas principais, e principalmente duas delas que a tinham como a tipologia principal, por serem mais introvertidas, voltavam à atenção para si e para suas reais necessidades, mudando hábitos alimentares, físicos e sociais com menos resistência e oposição em relação às outras deusas. Mulheres-Ártemis desejam cuidar dele, de forma responsável e dedicada, para poder reaver suas potencialidades. Em relação às cinco mulheres mais identificadas com Hera, por serem mais práticas e objetivas ao mesmo tempo em que se dedicam a preservação do seu *status social*, demonstraram dificuldades em aceitar a queda do seu rendimento físico. Além disso, no caso de todas as mulheres entrevistadas, independentemente de qual era a sua deusa mais atuante, a rede de apoio foi essencial para que conseguissem passar pelo tratamento.

Era também objetivo desse trabalho saber se, durante o tratamento do câncer de mama, as mulheres haviam feito algum acompanhamento psicológico e como o mesmo as ajudou. De nove, quatro fizeram terapia durante o processo, três não realizaram, uma fez após o término do tratamento e outra antes de descobrir o diagnóstico. Quando questionadas a respeito do acompanhamento psicológico, muitos relatos vieram carregados de carga afetiva ressaltando como o auxílio de psicólogos fez com que elas mudassem certas visões e padrões de comportamentos que tinham. Quatro participantes realizaram o processo de terapia em grupo e destacaram como essa modalidade de atendimento fez com que se sentissem acolhidas e identificadas, sendo um grande mecanismo de apoio.

Objetivou-se saber qual era a percepção que as mulheres tinham acerca do momento em que descobriram seu diagnóstico e se relacionavam a algum fator estressante, ou até mesmo traumático, vivido nesse período. Algumas reações emocionais específicas, como por exemplo, chorar, foram relatadas. Das nove entrevistadas, apenas uma não associou o aparecimento do câncer de mama a alguma vivência pela qual já passaram ou estavam passando. As questões emocionais que mais se sobressaíram foram sentimentos de mágoa, raiva, descontentamento e frustração. Três descreveram situações familiares mal resolvidas, duas descrevem que já tinham tido muitos parentes com câncer e isso trazia certo tipo de peso emocional e outras duas diziam que terem cuidado desses familiares acometidos pelo câncer foi um fator desencadeante ao aparecimento do seu, uma pontuou

experiências traumáticas na relação marido e mulher enquanto uma associou o aparecimento do seu câncer em consequência a sua alimentação ruim e ao sedentarismo. Também foi exposto por uma que o pedido demissão do emprego foi um possível desencadeador da sua doença.

Através do questionário proposto por Woolger e Woolger (1993), os arquétipos de deusa que mais se destacaram nas entrevistadas foram Ártemis e Deméter, enquanto a que menos se visibilizou foi a jovem Perséfone. De nove mulheres entrevistadas, Deméter foi a primeira mais atuante em três delas e, se não era a primeira, situava-se entre a segunda e a terceira, sempre com alta pontuação. Possivelmente esse padrão arquetípico de Deméter ter sido o mais atuante nas mulheres com câncer de mama esteja correlacionada a como elas enxergaram o seu processo de adoecimento. Essas mulheres relatavam se sentir sobrecarregadas, mas por serem mulheres-Deméter e apresentarem essa predisposição para o doar-se para o outro, não conseguiam discernir entre o seu limite corporal e emocional. Na maior parte das vezes, elas acabavam deixando o seu cansaço físico em um segundo plano e, nessa perspectiva, pode-se pensar que, simbolicamente, as mulheres identificadas com Deméter colocam tanto de sua energia psíquica no mundo externo que sobra pouco desta energia para si mesma. Com isso, seus processos internos podem ficar interrompidos e fixados apenas no zelo e proteção desse outro. Deméter assume essa *persona* de “Grande Mãe” emocionalmente autossuficiente que se esquece de olhar para si em função do tanto que age e faz na sua acalentadora extroversão. Em decorrência desse seu abandono no cuidado consigo e a dificuldade de deixar que as pessoas a ajudem, o adoecer para mulheres-Deméter se torna um desafio no que diz respeito à transformação de sua atitude de voltar-se para suas próprias demandas, já que, nesse momento, é o seu corpo que necessita desse carinho que ela tanto oferece para o outro.

Já a segunda deusa que mais se destacou foi Ártemis e, apesar de ela ter ficado empatada com Afrodite, sendo ambas mais atuantes em duas de nove mulheres, a pontuação de Ártemis, no geral, foi mais alta. Nos mitos, a deusa Ártemis era chamada para proteger e salvar aqueles que necessitavam de socorro e, agindo rapidamente, ela punia os que a ofendiam. Nesse sentido, podemos estabelecer um paralelo entre o comportamento de mulheres-Deméter que se dedicam aos cuidados para com o outros e as mulheres-Ártemis que auxiliam, protegem e defendem, com empreendimento e competência, aqueles que ela julga necessitarem desse tipo de devoção. A psique das mulheres mais identificadas com essas duas deusas em questão, apesar das diferenças que cada uma apresenta, se assemelha em alguns pontos, como a preocupação com pessoas que consideram estar ao seu alcance. Para mulheres-Deméter, isso ocorre mais no sentido acolhedor por querer cuidar, nutrir, zelar e se doar emocionalmente ao outro, enquanto para mulheres-Ártemis,

isso está orientado para um cuidado mais prático, independente, defensor e de proteção da integridade do outro.

Apesar de Ártemis nunca ter sofrido como as deusas vulneráveis (Hera, Deméter e Perséfone), acaba tendo certa dificuldade psicológica em falhar ou perdoar. O arquétipo de Ártemis carrega consigo a personificação de espírito independente da mulher. É aquela que se defende dos perigos por “nenhuma dor a tocar” porque ela já nasceu amenizando as dores da própria mãe. Com isso, cria-se a hipótese de que as mulheres que estão mais identificadas a essa tipologia assumem uma *persona* de heroínas, fazendo com que sua energia psíquica fique voltada à concretização desse ideal. O que pode ocorrer, talvez, é que essas mulheres por terem características de serem livres e independentes, encontrem-se numa dualidade psíquica de quererem sustentar essas duas dinâmicas existentes dentro de si: de um lado esperam não serem atingidas por nenhuma dor, enquanto que, por outro ângulo, esperam ser símbolo de revolução independente e feminista. Mulheres-Ártemis carregam consigo uma espécie de “obrigação” estabelecida arquetipicamente no inconsciente coletivo que as direcionam e moldam a um ideal de autossuficiência. Quando elas falham nesse sentido e percebem que não são capazes ou simplesmente não podem cuidar de tudo como lhes é exigido, ou que simplesmente sentem dor como lhes foi negado sentir, podem adoecer e perceber suas fraquezas mais profundas.

Em contraposição às deusas que mais se destacam (Deméter e Ártemis), temos a que menos se fez presente, Perséfone. A primeira hipótese de isso acontecer diz respeito à idade das entrevistadas, a maioria entre 40 e 60 anos. Em consonância com a faixa etária, a maior parte também são mães e casadas. A deusa Perséfone assume uma posição de eterna filha, já que depende muito de Deméter e suas orientações. Apesar de Perséfone ser uma deusa extremamente poderosa por ser a única que habita os dois mundos (Olimpo e Averno), ela apresenta ter uma frágil estrutura egóica. Além disso, geralmente quando uma mulher se identifica mais com uma tipologia de Deméter, sua Perséfone é mais baixa, visto que ela muito mais cuida dos outros do que quer ser cuidada. No perfil das mulheres entrevistadas, elas exerciam esse papel do cuidado e possivelmente por isso essa deusa se evidenciou em menor grau.

Através das entrevistas e do questionário “roda das deusas”, pôde-se chegar a algumas associações a respeito da atitude de cada mulher em relação a sua deusa mais atuante. As que mais pontuaram com Deméter eram as que demonstravam se preocupar mais com o bem estar da família. Geralmente o que as afligia era muito mais manter a família tranquila para que elas também ficassem tranquilas. Já as que pontuaram mais com Ártemis, demonstravam ter uma aceitação, mesmo que em menor intensidade, com relação a cuidar do corpo adoecido para que ele ficasse novamente saudável. Em relação à

Afrodite, as que apresentaram maior identificação com ela tiveram muitas reações ligadas à dificuldade de internalizarem sua nova aparência; suas maiores demandas eram corporais por considerarem que “perderam” sua feminilidade, sentindo um grande complexo de inferioridade a respeito de si. Já mulheres com uma dinâmica mais semelhante à Atena, se sentiram desafiadas em ter que depender dos outros, visto que priorizam sua independência e liberdade, como também demonstraram se sentir muito incomodadas por terem interrompido o trabalho ou terem diminuído sua atuação intelectual. As mulheres-Hera, por serem racionais como Atena, foram desafiadas a reconhecer seu corpo e simbolizá-lo, além de terem que modificar sua visão a respeito da sua liderança e do seu poder de *status*, tendo que admitir para si mesmas que em alguns momentos elas não seriam capazes de serem a esposa, mãe, dona de casa e trabalhadora perfeitas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa de caráter qualitativo, pretendeu-se investigar tendências de comportamento que se repercutiram na maneira como algumas mulheres vivenciaram o câncer de mama, principalmente aos aspectos psicológicos que estavam por trás dessa vivência de adoecimento. Foi investigado também se durante todo o processo elas tiveram acesso a atendimento psicológico e como o mesmo as auxiliou. Com isso, através do conhecimento da história e experiência descritas por cada uma, foi possível realizar uma análise à luz das contribuições teóricas da psicologia analítica e da mitoanálise das deusas gregas para uma compreensão simbólica de todas as suas percepções acerca do momento. Destacaram-se nos resultados obtidos o fato de as mulheres entrevistadas reportarem, com frequência, algum tipo de repercussão emocional derivada do diagnóstico do câncer de mama e do tratamento subsequente, quer seja em relação aos efeitos da doença e da terapêutica adotada então, quer seja em relação ao significado mais amplo da situação em sua história pessoal. As formas de agravo psicológico inerentes ao processo de adoecimento, assim como as modalidades de enfrentamento foram diversas.

Ao longo do trabalho, pode-se constatar também, com base na análise empreendida através do instrumento “A roda das deusas”, que as deusas da mitologia grega que mais tiveram destaque foram Ártemis, Deméter e Afrodite, e a que menos desenvolveu esse papel foi Perséfone, não esgotando a necessidade de entender a influência que as outras deusas (Hera e Atena) exercem na psique feminina. Também foi possível perceber que as mulheres que fizeram acompanhamento psicológico obtiveram maior alcance e esclarecimento a respeito da elaboração do seu processo.

O presente estudo não teve intenção de esgotar todas as possibilidades de compreensão de questões emocionais que envolvem o câncer para mulheres. Entretanto, os

achados da pesquisa revelaram, na amostra estudada, a presença de agravos emocionais significativos que tornam necessária a atenção particularizada a esta clientela, no tocante à pesquisa, bem como na oferta de suporte emocional no transcurso da doença e tratamento, em consonância com o que foi apontado por outros estudos anteriores. Para futuras pesquisas na área, é importante lembrar que a vertente arquetípica utilizada através da mitoanálise, não exclui a compreensão de outras abordagens como, por exemplo, a psicodinâmica a psicossocial.

## 6. REFERÊNCIAS

- BACHOFEN, J. J. **Myth, Religion and Mother Right**. Organizado por Joseph Campbell. Princeton, 1967.
- BILLOTA, F. A. **A psicologia junguiana entra no hospital**. (p. 69-110). São Paulo: Vetor, 2012.
- BOECHAT, W. (org.). **Mitos e Arquétipos do Homem Contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- BOLEN, J. S. **As deusas e a mulher: uma nova psicologia das mulheres**. São Paulo: Paulus, 1990.
- BULFINCH, T. **O livro de ouro da mitologia- histórias de deuses e heróis**. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.
- HARDING, E. **Woman mysteries: anciant and modern**. London: Longmans, Green and Co, 1935.
- JUNG, C. G. **Espiritualidade e transcendência**. Petrópolis: Vozes, 2015.
- \_\_\_\_\_. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.
- \_\_\_\_\_. **The Collected Works of Carl G. Jung. Bollingen Series XX**. Princeton, New Jersey: 1923-1971.
- MINAYO, M. C. S. **Análise Qualitativa: Teoria, passos e fidedignidade**. Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, Mar. 2012.
- PAIVA, G. J. **Religião, enfrentamento e cura: perspectivas psicológicas**. Estudos psicológicos Campinas, USP: Campinas, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n1/v24n1a11.pdf>> Acesso em 16 de março de 2019.
- PARGAMENT, K. I. **Religious methods of coping: resources for the conservation and transformation of significance**. In E. P. Schafranske (Org.), Religion and the clinical practice of psychology (pp.215-239). Washington, DC: APA Books, 1996.
- PENNA, E. M. D. **Processamento simbólico arquetípico: uma proposta de método de pesquisa em psicologia analítica**. Programa de estudos pós-graduados em psicologia clínica núcleo de estudos junguianos da PUC-SP. São Paulo: PUC-SP, 2007.

RAMOS, D. A. **A psique e o corpo: uma compreensão simbólica da doença**. São Paulo: Summus, 2006.

Revista Brasileira de Cancerologia, v. 02, n 51, ano 2005. Disponível em: <[http://www.inca.gov.br/rbc/n\\_51/v02/pdf/revisao1.pdf](http://www.inca.gov.br/rbc/n_51/v02/pdf/revisao1.pdf)> Acesso em 23 de novembro de 2018.

SIMONETTI, A. **Manual de psicologia hospitalar**. São Paulo: Casa do psicólogo, 2004.

STEIN, M. **O mapa da alma: uma introdução**. 5ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WOOLGER, J. B., WOOLGER. R. **A Deusa Interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas**. São Paulo: Cultrix, 1993.

**Contatos:** [ma\\_mendees@hotmail.com](mailto:ma_mendees@hotmail.com) [sandra.amorim@mackenzie.br](mailto:sandra.amorim@mackenzie.br)